

## Literatura de fronteira: Por uma educação literária

Ebe Maria de Lima SIQUEIRA<sup>1</sup>  
Goiandira Ortiz de CAMARGO<sup>2</sup>  
Faculdade de Letras - UFG  
[ebelima@bol.com.br](mailto:ebelima@bol.com.br)  
[g.ortiz@uol.com.br](mailto:g.ortiz@uol.com.br)

Palavras-chave: Literatura de fronteira, formação de leitor, educação literária, leitura.

No estudo e no ensino da literatura infanto-juvenil no Brasil, algumas questões são postas em cena: a sua tradicional vinculação à pedagogia, o preconceito com a própria criança como ser improdutivo na sociedade capitalista e o processo de formação de leitores literários. Tais questões instigam-nos a buscar respostas e compreensão da gênese e função dessa literatura, que viveu seu grande boom na década de 80, depois de um hiato, de pelo menos 50 anos, marcado pela morte de Monteiro Lobato. Sabemos que o mercado do livro infanto-juvenil nacional progrediu, deixando apenas como fato histórico as traduções dos clássicos contos de fadas importados da Europa. Entretanto, o grande número de vendas e os muitos prêmios acumulados não impedem que um forte preconceito ainda se instaure em torno da infância e da literatura destinada a ela. Levando em conta esses aspectos e considerando que a formação de um leitor literário só é possível quando se permite o acesso do leitor às obras literárias, vemos abrir um campo de pesquisa profícuo que delimita um quadro de hipóteses que devem ser investigadas. Primeiramente, podemos perguntar o que é essa literatura, quais são a sua natureza e o seu estatuto? Em segundo lugar, realmente existe a necessidade de classificação da literatura por faixa etária ou teria que ser revista a questão da mediação? Por exemplo, os grandes clássicos como *Odisséia*, *Dom Quixote*, considerados ilegíveis pela criança em razão de sua extensão e complexidade, não poderiam ser compartilhados pelo mediador e os leitores através de uma prática mediadora de leitura? E, por último, não existiria uma literatura fundadora da condição humana de seu leitor, que independe de faixa etária ou de quaisquer classificações externas a obra?

Nosso projeto de pesquisa de doutoramento, intitulado *Literatura de fronteira: Para uma educação literária*, pretende investigar um corpus de obras literárias

---

<sup>1</sup> Bolsista do CNPq.

<sup>2</sup> Bolsista de produtividade em pesquisa PQ2-CNPq.

brasileiras que se alinham com essas perspectivas anteriormente levantadas. Nossa tese é que determinadas obras – independente de critérios teórico e crítico extratextuais – são fundadoras da condição humana e forjam um leitor para a vida e que jamais abrirá mão dessa conquista. Tais obras se situam no entrelugar de gênero, de faixa etária de seu público e do binômio experiência de vida e criação. Denominaremos essas obras de literatura de fronteira. Destacamos que o termo literatura de fronteira tem sido usado frequentemente para designar uma literatura produzida em regiões fronteiriças como é o caso do estudo da professora Adriana Dorfman, que trabalha com a ideia de contrabando presente na obra de autores que escrevem na fronteira entre Brasil-Uruguai. Já investigamos a condição fronteiriça por ocasião de pesquisas para o mestrado. Naquele trabalho, utilizamos a expressão literatura sem fronteira<sup>3</sup>. Hoje, 13 anos depois, redefinimos aquilo que entendemos por obras fronteiriças como literatura de fronteira. Obras que estão situadas no limiar entre o ser e o vir a ser. Ou seja, demarcam um lugar teórico e filosófico humanístico, no qual se problematiza a teoria da literatura e a crítica literária como discursos estabelecidos para o exame da literatura. Os três aspectos que, a nosso ver, caracterizam a literatura de fronteira podem ser assim estabelecidos: 1) obras que põem em questão conceitos cristalizados da teoria da literatura e da crítica literária, como, por exemplo, a tripartição clássica dos gêneros, a separação entre prosa e verso; 2) a indefinição acerca de uma possível linha divisória entre o público infantil, o juvenil e o público adulto. Como já ressaltamos, é possível conceber um texto que também possa atingir os leitores jovens, sem que isto signifique a *inferiorização* do literário ou a limitação temática ou formal do texto; 3) por último, literatura de fronteira constitui também aquela em que se misturam numa mesma trama fios da vida e fios da ficção: textos que guardam semelhança entre o autor, o narrador e o personagem ou ainda textos que se valem da memória autobiográfica para compor a matéria de sua escritura. Dessa forma, a experiência estético-literário leva de imediato o leitor a reconhecer na obra uma experiência de vida. De tal modo que o que se manifesta na linguagem enquanto estrutura, forma e

---

<sup>3</sup> Nossa dissertação de mestrado, intitulada *Literatura sem fronteiras: uma leitura da obra de Bartolomeu Campos Queiros*, foi publicada pela Miguillin, no ano de 1998. Ressaltamos que a adoção do termo literatura de fronteira para nossa pesquisa de doutoramento se deu por entendermos, hoje, que as fronteiras existem, seja pela necessidade mercadológica, seja por uma tradição canônica estabelecida pelos críticos e teóricos da literatura, por escolhas deliberadas dos próprios escritores entre outras razões. Entretanto, determinadas obras, por estarem no limiar entre um lado e outro das fronteiras, podem ser denominadas “literatura de fronteira”.

criação é indissociável de vivências e experiências do ser humano, ali singularizadas.

Este projeto de pesquisa propõe investigar obras literárias que se definem por trazerem aspectos que, somados, nos permitem esboçar a noção do que entendemos por literatura de fronteira: textos que estarão no limiar entre as faixas etárias, no limite entre vida e invenção, e no entrelugar dos gêneros. Defendemos a tese de que essas obras de fronteira podem ser lidas sem preocupação de faixa etária e tem uma força estética capaz de forjar o leitor em sua personalidade. Tais obras, como definem os critérios estabelecidos por Bloom (2005), têm esplendor estético, força intelectual e sapiência.

Primeiramente serão selecionadas obras que não foram originalmente destinadas ao público infanto-juvenil e, no entanto, apresentam temática ou história que podem ou são lidas por adolescentes. Neste sentido, tais obras põem em questão a classificação de literatura infanto-juvenil e a literatura que se orienta para um público adulto. Como exemplos neste caso, temos *Infância* de Graciliano Ramos e *Manuelzão e Miguilim* de Guimarães Rosa.

No caso de Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, talvez pelo tom intimista e por se tratarem de narrativas que envolvem personagens infantis, ocorra uma vinculação imediata também com as crianças quando têm a oportunidade de freqüentar as obras referidas anteriormente via mediação de professores ou pais que já são leitores iniciados. O mesmo podemos perceber com os poemas “O prato azul pombinho” e “Minha infância freudiana”, de Cora Coralina. A infância sendo a matéria mesma da poesia chama a atenção tanto do adulto, que revisita sua infância, como também das crianças que passam a ter cumplicidade com a personagem Aninha.

Nesta mesma vertente, há obras que ficam na fronteira entre a experiência de vida e a invenção ou como expressa o binômio já consagrado por Antonio Candido, entre a confissão e a ficção. Essas obras investigam o material biográfico ou vivências do autor empírico pelo viés estético. Os resíduos da memória do vivido se agarram, se constelam no inventado. Essas obras forjam a própria personalidade do autor, da mesma forma que se constituem como formadoras de seu leitor na medida em que se reconhece melhor a vida em suas histórias. A força da memória do vivido se ilumina na matéria verbal. Temos como exemplo Bartolomeu Campos Queirós, o próprio Graciliano Ramos de *Infância*, e Manoel de Barros com seus três livros:

*Memórias inventadas. A infância; Memórias inventadas. A segunda infância; e Memórias inventadas. A terceira infância.*

Ainda na fronteira, temos obras que questionam os gêneros literários, se situando no limite entre prosa e poesia, entre o épico e o lírico. Guimarães Rosa, Manoel de Barros e Bartolomeu Campos Queirós são exemplares nesse sentido. Produzindo todos eles a partir das inovações intentadas pelo modernismo, a dessacralização da lírica e o adensamento poético do tecido da prosa podem ser visivelmente identificados em suas obras. Um conjunto de textos de Manoel de Barros recebe por parte dos editores ora um credenciamento como poesia ora como conto. Da mesma forma que percebemos a presença do lirismo na narrativa de Guimarães Rosa ou de Bartolomeu Campos Queirós. A motivação das editoras ao criar tantas apresentações para um mesmo texto, acreditamos não esteja ligada às questões de teoria ou de crítica literária, mas às demandas impostas por um mercado habilidoso, com interesses comerciais e atento à formação não de leitores literários, mas de público que possa consumir e gerar lucros. Assim, entendemos que as interferências do mercado precisam ser discutidas quando tratarmos dos vários papéis da mediação.

Delimitar um conjunto de obras literárias e discutir a partir delas aspectos de sua constituição e socialização, que podem levar à formação de um leitor literário, serão o resultado de nossa investigação, constituindo o que entendemos por uma educação literária ou, se olharmos por outro viés, poderemos dizer que tais obras podem levar a uma formação cultural do leitor. O resultado da pesquisa deverá ser concretizado em uma tese acadêmica, que, pretendemos, possa contribuir com a discussão acerca de leitor, formação de leitor, leitura e teoria da leitura.

Nosso propósito neste trabalho é o de mostrar que graças a obras como *Manuelzão e Miguilim*, de Guimarães Rosa; *Infância*, de Graciliano Ramos; *Indez, Ler escrever e fazer conta de cabeça, Por parte de Pai, Vermelho amargo*, de Bartolomeu Campos Queirós; *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais, O prato azul pombinho*, de Cora Coralina; *Memórias inventadas. A infância, Memórias inventadas. Segunda Infância, Memórias inventadas. A terceira infância e Memórias inventadas para crianças*, de Manoel de Barros, é permitido ao leitor escrever a sua história por entre as linhas. E porque essas obras tocam o mais profundo da experiência humana – a perda, o amor, o desespero da separação, o medo do envelhecimento, – não há razão para que os escritores não toquem cada um de nós.

É o que nos assegura Michèle Petit (2008, p.39) acrescentando “[q]uando encontro palavras que me perturbam porque permitem expressar o que tenho de mais íntimo, assumo que isso é algo ‘útil’ ou é um ‘prazer’? Como disse Freud, talvez seja algo que está ‘além,’ do prazer...” Para a antropóloga, “[p]elo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal.”(PETIT, 2008, p. 43). Para nós, este algo que permite aos leitores se inscreverem nas entrelinhas das narrativas, porque se sentem tocados pela experiência humana presente nas linhas dos textos, é o que se constitui no que denominamos, linhas atrás, como literatura de fronteira. E por acreditar na força formadora de tal literatura é que admitimos como Antonio Candido, que este bem cultural deve ser considerado incompressível, como a saúde, a alimentação, a moradia e, com este reconhecimento, já estaremos caminhando na direção das respostas às questões que, neste projeto, se nos apresentam como muitas outras que surgirão durante o percurso da pesquisa.

## **Referências bibliográficas**

### **Literárias**

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 2003.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Por parte de pai*. Belo Horizonte: RHJ, 1995,

\_\_\_\_\_. *Ler, escrever e fazer conta*. Belo Horizonte: Miguilim, 1996.

\_\_\_\_\_. *Vermelho amargo*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

BARROS, Manuel. *Memórias inventadas*. A infância. São Paulo: Planeta, 2003.

\_\_\_\_\_. *Memórias inventadas*. A segunda infância. São Paulo: Planeta, 2006

\_\_\_\_\_. *Memórias inventadas*. A terceira infância. São Paulo: Planeta, 2008.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1986

ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

### **Teórico-crítica**

BLOOM, Harold. *Onde encontrar a sabedoria?* Trad. José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1995.

\_\_\_\_\_. *A literatura e a formação do homem*. Revista Ciência e Cultura Vol. 24 n°9 SBPC, 1972.

PETIT, Michele. *Os jovens e a leitura*. Uma nova perspectiva. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: ed. 34, 2008.